



7 • Correio Braziliense — Brasília, sábado, 5 de abril de 2025

| Bolsas             | Pontuação B3              | Dólar                                                                | Salário mínimo | Euro                            | CDI    | CDB                        | Inflação                                                                                                  |
|--------------------|---------------------------|----------------------------------------------------------------------|----------------|---------------------------------|--------|----------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Na sexta-feira     | Ibovespa nos últimos dias | Na sexta-feira                                                       | Últimos        | Comercial, venda na sexta-feira | Ao ano | Prefixado 30 dias (ao ano) | IPCA do IBGE (em %)                                                                                       |
| 2,96%<br>São Paulo | 131.147                   | R\$ 5,835<br>(+ 3,68%)                                               | R\$ 1.518      | R\$ 6,386                       | 14,15% | 14,18%                     | Outubro/2024 0,33<br>Novembro/2024 0,39<br>Dezembro/2024 0,52<br>Janeiro/2025 0,16<br>Fevereiro/2025 1,31 |
| 5,5%<br>Nova York  | 127.256                   | 31/março 5,705<br>1º/abril 5,682<br>2º/abril 5,696<br>3º/abril 5,628 |                |                                 |        |                            |                                                                                                           |

## EFEITO TRUMP

Mercados do mundo inteiro, incluindo o Brasil, tiveram perdas, com temor de uma recessão provocada por uma possível guerra comercial iniciada com o tarifaço norte-americano, anunciado na quarta-feira e que começa a valer hoje

# Reação da China aos EUA derrete bolsas

» FERNANDA STRICKLAND  
» RAPHAEL PATI  
» ROSANA HESSEL

Os mercados globais encerraram a semana atemorizados com a possibilidade de uma nova recessão econômica mundial, após a taxa universal anunciada pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, na quarta-feira. A reação da China à sobretaxa, que começa a valer hoje para 185 países, fez as bolsas desabarem e o preço das commodities caírem.

A medida, vista como um marco na escalada da guerra comercial, levou o banco JP Morgan Chase a elevar de 40% para 60% a probabilidade de recessão na economia americana e, por consequência, global. “As políticas disruptivas dos EUA foram reconhecidas como o maior risco para as perspectivas globais durante todo o ano”, afirmou Bruce Kasman, economista-chefe do banco norte-americano JP Morgan Chase. Segundo ele, as tarifas representam um forte choque macroeconômico, que não estava contemplado nas projeções anteriores do banco. O cenário traçado pela instituição alerta que, caso as medidas sejam implementadas conforme anunciadas, a recessão será iminente.

O JP Morgan destaca que as tarifas, na prática, equivalem ao maior aumento de impostos sobre famílias e empresas americanas desde 1968 — ano que antecedeu a recessão de 1969-1970. A expectativa inicial era de que Trump mantiveria o compromisso de apoiar o ambiente de negócios e sustentar a expansão econômica. No entanto, Kasman observa que a combinação atual de políticas do governo “parece estar se afastando ainda mais do apoio à expansão atual da economia”.

A tensão entre Estados Unidos e China atingiu novo patamar após a resposta de Pequim, que anunciou tarifas adicionais de 34% sobre produtos norte-americanos. O revidado chinês agravou a aversão ao risco nos mercados, desencadeando uma onda de vendas que afetou bolsas ao redor do mundo e a brasileira, que, de acordo com especialistas, teve um choque de realidade, ontem, após fechar estável na véspera.

“O mercado analisou melhor os impactos dessa guerra comercial no Brasil e hoje ficou mais claro que o país também tem muito a perder nesse cenário de aumento de risco global, o que ajuda a valorizar ainda mais o dólar, porque o fluxo para mercados emergentes tende a diminuir”, explicou Eduardo Velho, economista-chefe da Equador Investimentos.

O Índice Bovespa (Ibovespa), principal indicador da Bolsa de Valores de São Paulo (B3), caiu 2,96%, ontem, para 127.256 pontos. Foi a maior queda do Ibovespa desde 18 de dezembro de 2024. Enquanto isso, o dólar voltou a subir e fechou com alta de 3,68%, cotado a R\$ 5,835 para a venda. Na avaliação de Velho, nos últimos pregões, a divisa norte-americana não estava

refletindo a conjuntura de um cenário recessivo da economia brasileira ao ser negociada em torno de R\$ 5,70.

A Bolsa de Tóquio despencou 12%, na pior queda desde a “segunda-feira negra” de 1987. Na Europa, os principais índices também registraram perdas expressivas, refletindo não só a tensão comercial, mas também a crescente preocupação com a desaceleração da economia norte-americana.

Nos Estados Unidos, o Índice Nasdaq, a bolsa das empresas de tecnologia está derretendo desde a posse do republicano, acumulando queda de 20% em relação ao último pico da bolsa. Paralelamente, os rendimentos dos títulos do Tesouro norte-americano de 10 anos recuaram para abaixo de 4% ao ano, sinalizando expectativas do mercado por cortes nas taxas de juros por parte do Federal Reserve (Fed, banco central dos EUA).

O presidente do Fed, Jerome Powell, reconheceu a gravidade da situação. Em discurso, ontem, alertou para o risco de um cenário de estagnação — inflação elevada combinada com crescimento fraco — impulsionado pelas tarifas. Powell admitiu incertezas significativas sobre o futuro da economia e alertou para possíveis impactos no mercado de trabalho e nos preços dos imóveis.

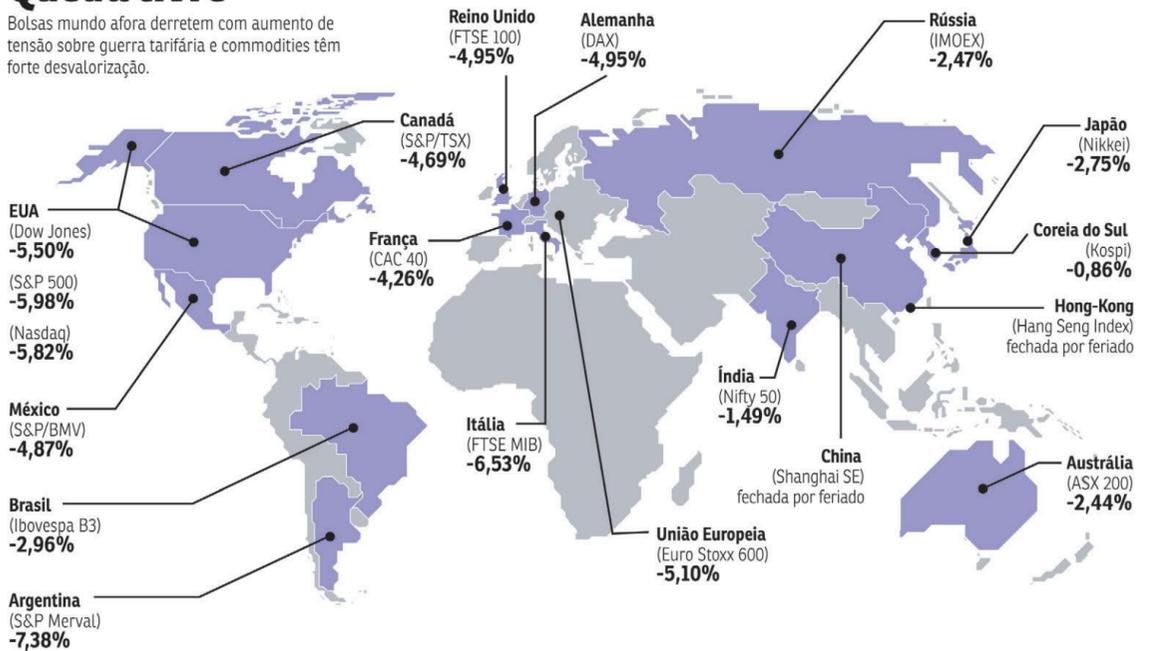
Mesmo com a divulgação de dados positivos do relatório payroll, com indicadores do mercado de trabalho que indicaram robustez no emprego antes dos efeitos das tarifas, os mercados mantêm o foco nas próximas movimentações entre Washington e Pequim. Investidores continuam buscando proteção em ativos considerados mais seguros, como ouro e títulos soberanos, diante do aumento da incerteza global.

Para o Brasil, os desdobramentos da guerra comercial também representam uma ameaça direta. A retração da atividade econômica global tende a pressionar os preços das commodities, com impacto significativo na balança comercial brasileira. “Commodities devem ser fortemente afetadas se o ambiente for de queda generalizada na atividade econômica — o que faz preço diretamente no Brasil”, disse Paula Zogbi, gerente de Research da Nomad.

Luis Otavio Leal de Barros, economista-chefe da G5 Partners, considera que, após o anúncio do tarifaço de Trump, nesta semana, “o comércio internacional como conhecemos acabou”. “Ao rasgar todas as regras estabelecidas nos últimos 80 anos, Trump abriu uma caixa de pandora de impactos imprevisíveis. Entretanto, os primeiros efeitos até podem não ser tão ruins para o Brasil”, avaliou, citando que o dólar mais fraco e o aumento da disponibilidade de produtos no mundo deverão impactar positivamente a inflação brasileira. “Mas, por enquanto, apesar de os cenários traçados acima serem bastante possíveis, ainda temos pouca convicção sobre o que pode acontecer daqui para a frente”, concluiu.

## Queda livre

Bolsas mundo afora derretam com aumento de tensão sobre guerra tarifária e commodities têm forte desvalorização.



## Cinco perguntas para o deputado Julio Lopes (PP-RJ)

**Como presidente da Frente Parlamentar pelo Brasil Competitivo como vê o tarifaço imposto pelos EUA ao Brasil?**

Muito mais do que uma ameaça, essas tarifas podem tornar uma oportunidade para o país. Nós, além de termos ficado na menor tarifa, de 10%, nós temos condições de, a partir daí, oferecer para outros mercados. “Mesmo que a gente tenha uma visão bastante crítica do governo, o governo tem mais acertado do que errado.

**O tarifaço é apenas uma manobra dos EUA ou um sinal de mudança estrutural no comércio internacional que o Brasil precisa encarar com mais estratégia?**

Ainda é cedo para cravar o final de uma guerra que se inicia, mas o Brasil pode aproveitar o momento para garantir novos acordos e implementar, de vez, a parceria do Mercosul com a União Europeia (UE). É desta forma que avaliam analistas, que projetam oportunidades para o país enquanto o presidente Donald Trump lança os Estados Unidos em uma guerra tarifária sem precedentes.

De acordo com um porta-voz de Bruxelas, o bloco europeu deve investir “muito tempo e energia com os Estados membros para finalizar o acordo”. Além disso, este mesmo representante da UE disse que fechar um acordo com o Mercosul seria uma “grande oportunidade” para o bloco, em meio à guerra tarifária. No dia anterior, o presidente da França,

Óbvio que a gente tem que ter muita cautela. Eu acho que o governo brasileiro está agindo corretamente, tem muita cautela. Mas eu tenho a impressão que nós vamos acabar não beneficiando nesse grande equívoco americano.

**O Projeto de Lei da Reciprocidade tem ganhado força como reação ao protecionismo de países como os EUA e a China. Qual o posicionamento da Frente em relação ao PL?**

Eu tenho criticado muito o governo, mas nesse sentido, nós apoiamos as medidas que têm sido feitas pelo governo de maneira geral e da área do desenvolvimento industrial, de maneira mais específica.

**Qual o papel do Congresso nesse contexto de respostas aos EUA?**

O Congresso agiu corretamente, dando a oportunidade para o governo retaliar o dólar está no patamar mais barato desde o de 2020, é muito significativo. Estamos hoje com R\$ 5,66, R\$ 5,68 e isso é uma perspectiva boa, pelo menos.

**Existe risco de que o PL da Reciprocidade seja usado com viés ideológico ou eleitoral, em vez de técnico e estratégico?**

Espero sinceramente que as autoridades se portem com cautela, como têm feito, e que o Congresso haja racionalmente. (Danandra Rocha)

## Acordo com UE deve acelerar

Emmanuel Macron, convocou uma reunião com 10 países da UE para discutir um possível acordo comercial com o bloco sul-americano.

O presidente da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil), Jorge Viana, acredita que há a oportunidade de se acelerar a implementação do acordo entre países que, segundo ele, têm um “potencial enorme” na agricultura e na reserva de materiais, alinhado com um grande mercado consumidor, de aproximadamente 720 milhões de pessoas.

“A Europa, hoje, tendo algum tipo de contencioso com os EUA, vai precisar, ainda mais, de uma relação com o Mercosul, para também repaginar a sua indústria, ela está buscando, para viver essa fase nova na tecnologia, toda

tecnologia que o mundo trabalha e necessita hoje depende de minerais críticos e depende de terras raras, que são novos componentes da tecnologia que o mundo começa a utilizar”, avaliou o presidente.

Viana frisou que, neste momento, deve haver um foco maior no acordo Mercosul-UE, no sentido de formar uma política favorável ao multilateralismo e à liberdade para o comércio sem tarifas, medida contrária à que os Estados Unidos lançaram agora.

Uma avaliação quase unânime entre especialistas é de que o Brasil vive um momento mais favorável para levar à frente acordos com outros países, sobretudo com a imposição de tarifas maiores às nações asiáticas. Resta saber como será o desfecho dessa guerra. (RP,FS e RH)

## Apex lança Investe Mais

A Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil), em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), lançaram nesta sexta-feira (4/4) o programa Investe Mais Estados, que tem o objetivo de atrair e promover investimentos estrangeiros no Brasil por meio da descentralização desses recursos nos estados.

O presidente da Apex, Jorge Viana, avalia que a ideia é garantir um melhor equilíbrio entre as diversas regiões do país. “Com essa agenda nova que o Brasil e o mundo vive, Norte e Nordeste passam a ser endereços importantes. Um, porque eles têm energia renovável muito forte e não têm a infraestrutura que Sul e Sudeste têm. E outra, por fazerem parte de um potencial da bioeconomia da agenda do clima”, destaca.

Ainda de acordo com o presidente da agência, a ideia do programa é, também, criar um ambiente nos estados para estimular a exportação de produtos fabricados por pequenas e médias empresas. “Estamos querendo colocar a disposição da Apex em todos os estados, temos muitas oportunidades no Norte, Nordeste e Centro-Oeste, que é onde está o potencial de crescer mais”, acrescenta.

Segundo a Apex, o programa deve promover visitas de investidores a diferentes regiões do país, além de contar com análise da atração regional de investimentos externos, mapeamento de oportunidades, orientação sobre estruturação de projetos, busca de financiadores, entre outras atividades. (RP)